

## Medellín: a eterna primavera

Medellín ostenta o título de “cidade da eterna primavera”. Encravada entre montanhas, a 1.500 metros de altitude, lá onde os Andes se bifurcam ao norte da América do Sul, a cidade colombiana goza de um clima estável adequado para sua especialidade: flores para o mundo todo. Medellín, a cidade de primavera e de flores o ano inteiro, justo no famoso ano de 1968, portanto há cinquenta anos, testemunhou uma primavera eclesial que de alguma forma perdura como uma perene primavera. Não foi a única primavera daquele ano de 1968 que - dizem analistas - é o ano que ainda não acabou. São mais duas primaveras, de ordem social, política e cultural, a marcar 1968: a de Paris e a de Praga. Seguidas, no ano seguinte, pelo verão de Woodstock com seu festival de “música e paz” e seu slogan “Faça amor, não faça guerra”. Paris e Praga representaram, antes, o protesto e a ruptura contra as instituições burocratizadas, as revoltas de estudantes e operários contrários à redução da vida a *metro, bureaux, traveaux* (transporte, burocracia e trabalhos). Tais “primaveras” se espalharam pelo mundo e são uma das marcas de crise da modernidade e sintomas de pós-modernidade.

Medellín acontece neste contexto. Mas é de outra ordem. É o feliz encontro entre América Latina e o Concílio Vaticano II, encontro representado pelos bispos provenientes das Conferências de Bispos dos países latino-americanos<sup>1</sup> que se reuniram de 24 de agosto a 6 de setembro. Foi, na história da Igreja da América Latina, a Segunda Conferência Geral do Episcopado. E foi a Conferência que marcou um novo modo de ser Igreja Católica, inaugurando um novo paradigma eclesiológico.

Por um lado, não é possível pensar Medellín sem o Concílio Vaticano II, que é marca de um novo modo de ser Igreja, um novo paradigma eclesial, para toda a Igreja Católica, desde seu novo gênero literário e epistemológico - um concílio que não se expressa mais de forma jurídico-canônica, mas de forma teológico-pastoral, segundo o historiador John O'Malley SJ. E, de fato, os padres conciliares latino-americanos, liderados por “bispos-profetas” como Manoel Larraín e Helder Câmara, planejaram e apresentaram ao papa Paulo VI a realização da Conferência Geral para

---

<sup>1</sup> Só mais tarde iria se consagrar a diferenciação entre América Latina e Caribe

“aplicar o Vaticano II”.<sup>2</sup> O papa não só aprovou como também convocou juridicamente e afinal veio abrir a Conferência, dando-lhe o aval da primeira visita de um papa a este subcontinente. Um propósito de contextualização e abertura pastoral animava os bispos participantes. Por isso o conjunto de documentos reunidos como frutos dos trabalhos da Conferência se chamou coerentemente “Presença da Igreja na atual transformação da América Latina”.

Mais tarde o bispo-teólogo Dom Boaventura Kloppenburg, que atuou por diversos anos na direção do curso de atualização teológica da Confederação Episcopal Latino-americana (CELAM) justo em Medellín<sup>3</sup>, qualificou o evento de 1968 como um “novo gênero literário de magistério”<sup>4</sup>. A principal característica dessa novidade, segundo Kloppenburg, é a reunião de diversas Conferências episcopais que emitem, para todo um vasto subcontinente, um magistério unido e único, apropriado a esta inteira região, sem pretensão de universalidade. Não é, porém, a única característica: o método novo, em comparação com o que significou de novidade a linguagem do Concílio, é a adoção do “Ver-Julgar-Agir” da Ação Católica.

Começando por “ver”, há mais para ser sublinhado nesta “primavera” de Medellín. No tom da linguagem há uma urgência ainda hoje fortemente percebida. É que a América Latina, já na confissão do título geral dos documentos, é uma região continental “em transformação”. A década de 1960, segundo a macro-análise do século XX feita por Eric Hobsbawm<sup>5</sup>, é classificada como “os anos dourados”, onde reacenderam, sobretudo na economia da Europa e dos EUA, os ideais míticos de progresso, invenção, desenvolvimento e bem-estar social. Porque de resto, segundo esse autor, o século foi subdividido em *era da catástrofe* (as guerras mundiais) e *era do desmoronamento* (as crises de esgotamento da segunda metade do século). Os anos sessenta, sempre segundo o sociólogo inglês, foram o efêmero, mas ostensivo fruto da *era de ouro*.

Só que não se pode dizer exatamente assim da América Latina e nem mesmo do então chamado “Terceiro Mundo” com suas lutas generalizadas de libertação e

---

<sup>2</sup> Estes “bispos profetas”, líderes do episcopado latino-americano, foram mais tarde chamados também de “Padres da Igreja na América Latina” - sem pretender uma lista exaustiva - pela equipe editorial da revista *Concilium*, em seu número 333 - 2009/5.

<sup>3</sup> Hoje é o Instituto de Teologia e Pastoral (ITEPAL) do CELAM, que tem sede própria em Bogotá.

<sup>4</sup> Cf. KLOPPENBURG Boaventura, Novo gênero literário para o magistério autêntico ordinário dos bispos. In: SUSIN Luiz Carlos (org.), *O mar se abriu*. São Paulo: Loyola, 2000. p39ss.

<sup>5</sup> Em *Era dos extremos. O breve século XX - 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

descolonização. Se “lá em cima” no atlântico norte se operavam revoluções sociais e culturais, “aqui em baixo”, no sul do planeta, a guerrilha, com seu idealismo político, foi a marca maior na luta por libertação. Além disso, era necessário suportar, em tempos de guerra fria, como terreno de disputa, as ações de um mundo dividido entre as promessas do capitalismo e do socialismo real. A América Latina era a segunda região mais numerosa do catolicismo, superada então apenas pela Europa, com tendência a ir superando a própria Europa, e seus problemas sociais não podiam deixar de preocupar um papa tão sensível socialmente como Paulo VI. Assim, seus discursos inaugurais são um apelo ao empenho por uma sociedade justa - a palavra “justiça” se tornaria uma palavra-chave de Medellín. E por outro lado, depois da *Populorum Progressio* de 1967, que deixava uma brecha para o último recurso - a revolução armada diante de regimes persistentemente opressores - o papa via a tentação da violência e da guerrilha se espriarem pela América Latina, e isso era preocupação para ele e para todos os bispos. O quanto a guerrilha adotava ou era provocada *a posteriori* pela ideologia marxista, isso seria objeto de intermináveis discussões até nossos dias. Mas o fato bruto, anterior a qualquer teoria, foi a injustiça a ser encarada nas estruturas coloniais persistentes. E nisso Medellín fez sua lição de casa.

A introdução dos documentos abre com a adaptação de uma afirmação de Paulo VI ao encerrar o Concílio, e que mostra a mesma disposição positiva para encarar os sinais dos tempos, a condição humana contemporânea. Lá no final do Concílio, em 07 de dezembro de 1965, o papa proferiu seu discurso um dia após a publicação da *Gaudium et Spes*. Embalado pela boa disposição de diálogo com o homem moderno, inclusive o homem ateu, Paulo VI afirmava o humanismo cristão diante do homem moderno, no qual o Concílio tinha centralizado sua atenção sem se desviar do interlocutor real. E termina: “o nosso humanismo muda-se em cristianismo, e o nosso cristianismo faz-se teocêntrico, de tal modo que podemos afirmar: *para conhecer a Deus, é necessário conhecer o homem*”.<sup>6</sup> Os bispos em Medellín repetem esta afirmação contextualizando: “A Igreja latino-americana (...) centralizou sua atenção no homem deste continente, que vive um momento decisivo de seu processo histórico. Deste modo, não se ‘desviou’ mas ‘se voltou’ para o

---

<sup>6</sup> A ênfase em itálico é minha.

homem, consciente de que *‘para conhecer Deus é necessário conhecer o homem’*”. E em seguida retoma também de Paulo VI o que ele tinha, por sua vez, tomado de *Gaudium et Spes* 22 e comentado antes da afirmação acima: “Sendo Cristo aquele em quem se manifesta o mistério do homem, a Igreja procura compreender este momento histórico do homem latino-americano à luz da Palavra, que é Cristo”.<sup>7</sup> Para os ouvidos de um teólogo acostumado com a “virada antropológica da teologia” cujo centro está nesta relação entre antropologia e cristologia, virada antropológica que sempre lembra o nome de Karl Rahner, o que em Medellín soa como original é a contextualização desta virada, conatural ao método ver-julgar-agir.

Assim, enquanto na Europa, no mesmo ano de 1968, por um lado a publicação da encíclica *Humanae Vitae* dividia o pontificado de Paulo VI em duas fases e baixava o tom de seu otimismo, e por outro lado a Igreja viu seus potenciais interlocutores cada vez mais distantes a transformarem a *Gaudium et spes* em *Dolor et spes*, na América Latina nem a repressão das ditaduras militares impediu os intensos diálogos entre cristãos e marxistas na academia, a colaboração entre clero e leigos na contestação de políticas inaceitáveis, e sobretudo o nascimento de comunidades eclesiais de base centradas na leitura popular da Palavra de Deus, na conjugação de fé e política, na criatividade diaconal. Ou seja, de fato houve, num consenso militante, uma primavera com bons frutos. Foi desse húmus que desabrochou também a Teologia da Libertação. Como Roma, por uma vocação anterior ao próprio cristianismo, é lugar de tribunais - onde nada se cria mas tudo se coleta, se examina e se julga - quando de lá veio a observação de que se tratava de mais de uma forma de Teologia da Libertação, que havia uma delas contaminada pelo marxismo - a da academia, dos teólogos - e outra de acordo com o magistério, é que havia o cuidado de salvaguardar a Teologia de Libertação emanada pelos bispos de Medellín, pois Medellín - na letra e no espírito - é uma das fontes principais da Teologia de Libertação. Como afirmar que os bispos no exercício de seu magistério, estariam errados?

Na verdade, Medellín consagrou o que se tornou núcleo duro da Teologia da Libertação, que conecta a teologia a uma real eterna primavera. Atingiu o coração perene do evangelho e da evangelização - “eu vim para evangelizar os pobres...”(Lc

---

<sup>7</sup> Medellín, introdução.

4, 18), que o documento 14, sobre a “pobreza na Igreja” examina de diversos ângulos, começando pela “preferência e solidariedade”, pelo testemunho e serviço. O sonho de João XXIII ao convocar o Concílio, de renovar a Igreja para que os pobres se sentissem nela como em sua casa, que no contexto conciliar não foi alcançado com clareza, mas que tinha sido começado pelo Pacto da Catacumba, encontra em Medellín a primeira explicitação, e seguiria até Puebla como “opção preferencial pelos pobres”, opção que o contexto dos povos da América Latina em contato com o evangelho, por fidelidade, obrigou. Assim, ao lado do primeiro documento de Medellín, sobre a Justiça, esta “preferência” pelos pobres é palavra-chave. Tornou-se mais que prioridade pastoral, um lugar teologal e teológico, e um dos desafios pastorais mais contundentes: que o pobre seja um sujeito eclesial. Não é adequado dizer que na eterna primavera de Medellín isso é eterno, porque é algo histórico, e a firme esperança cristã é que cheguemos à eternidade sem divisões de judeu e gentio, homem e mulher, escravo e livre, portanto também de opressor e oprimido ou rico e pobre, como é o tom às vezes duro e franco de Medellín, mas que sejamos um em Cristo.

No entanto, enquanto há história e êxodo - outra comparação que a introdução dos documentos faz entre o povo da Bíblia e os povos latino-americanos - haverá necessidade de prioridades, de preferência, como a preferência da mãe, segundo uma lição libanesa: “Quem é o preferido da mãe? O menor até que cresça, o doente até que cure, o que está longe até que chegue”. A perenidade desta preferência na Igreja tem a ver com a cristologia, como bem viu o papa Bento XVI em Aparecida, aludindo à mesma afirmação paulina que culmina o documento 14 de Medellín: “Assim a Igreja, continuadora da obra de Cristo ‘que sendo rico se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza’ (2Cor 8,9), apresentará ao mundo um sinal claro e inequívoco da pobreza de seu Senhor”. Nada menos que isso. Ganha novos contextos mas permanece como as flores da eterna primavera de Medellín.

Luiz Carlos Susin  
PUCRS, Brasil

Frade capuchinho, doutor em teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Atualmente professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana. E-mail: [lcusin@puccrs.br](mailto:lcusin@puccrs.br)